



ENTREVISTA COM O PROF. DR. XOSÉ M. SOUTO GONZÁLEZ: reflexões para uma Geografia Contemporânea¹

Ivaine Maria Tonini ²
ivaine@terra.com.br

Ivaine: *Prezado Xosé M. Souto³, tenho acompanhado o teu trabalho como pesquisador da área de Didática de Geografia já faz alguns anos, através de leituras de seus inúmeros livros, artigos e postagens no Geoforo⁴. Mas vou iniciar nossa conversa pedindo para que comentes sobre tua trajetória no ensino da Geografia, tanto da educação primária⁵ até a superior, com a intenção de estabelecer maior proximidade entre você e o leitor da Revista Brasileira de Educação em Geografia.*

Souto: Eu diria que tem quatro etapas fundamentais em minha trajetória no ensino da Geografia: a primeira é quando começo a dar as aulas no ano de 1979 e vai até o ano de 1984. Nesse período estou na Galícia e fundamos o que se chamou *Sociedade Galega de Geografia*, que procurava relacionar o ensino com a pesquisa. Esta foi uma etapa muito importante porque era a continuação do interesse que tínhamos quando ainda estudantes de Geografia por inovar, por melhorar a qualidade do ensino e também do desconforto do ensino que recebíamos na faculdade. O segundo período vai de 1984 a 1990, período em que trabalhei em Alicante e Valencia. Nesta última lecionei no ensino secundário

¹ Tradução livre da entrevistadora.

² Professora Associado II da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Campus Central. Av. Paulo Gama, s/n. Bairro Farroupilha. Porto Alegre (RS). CEP 90040-060

³ Professor Universitat de València/Espanha. Director do Geoforo Iberoamericano e Projeto Gea-Clío.

⁴ Geoforo: <http://geoforo.blogspot.com.br/>

⁵ A educação primária e secundária na Espanha correspondem a educação básica no Brasil.

com alunos de 14 a 18 anos e na universidade com formação de futuros professores. Foi nesse período que aprendi com os próprios alunos proposta de inovação para melhorar a qualidade do ensino na educação secundária. A terceira fase vai de 1990 a 2008, período em que combinei o meu trabalho de professor na educação secundária, o trabalho na universidade (formação de professor), e também atuando na formação continuada do professorado. Ao longo desses oito anos de experiência pude avaliar o que se estava fazendo dentro das aulas da educação secundária e dirigir processos de inovação, quando apareceu o *Projeto Gea-Clio* e o *Projeto de Reforma do Ensino de Secundaria através das políticas públicas*. Foi também o período em que passei a atuar em programas de pós-graduação, orientando as teses de doutoramento de Francisco Garcia e Enric Ramiro, bem como diferentes projetos de pesquisas que se transformaram em produtos acadêmicos. Uma última etapa, de 2008 até o momento, estou mais ligado à universidade, quase exclusivamente dedicado na formação de professores. Portanto, eu tive a sorte desde 1979 até a atualidade de ir combinando três tipos de atividades: formação das crianças de 14 a 18 anos, formação de futuros professores, o que chamamos na Espanha de Formação Inicial e, também, na Formação Continuada do professorado. Isto me permitiu ter uma ideia panorâmica dos problemas que existem no ensino e na aprendizagem de Geografia e de História. A História sempre esteve ligada a Geografia na Espanha, desde a perspectiva do alunado, a perspectiva do professorado.

Ivaine: *Diante dessa tua rica experiência e por transitares em locais institucionais diferenciados, como pensas que a Didática da Geografia posiciona-se no contexto das Ciências Sociais?*

Souto: Na Espanha, sobretudo, tenho a experiência de que os grandes debates em torno do ensino dos problemas sociais deveriam partir da Geografia e da História sobre todo o conjunto das Ciências Sociais. O que não se põem em dúvida é que a Geografia e a História tem que estar juntas por duas razões: primeiro porque procedemos de uma tradição francesa de que a Geografia e História sempre estiveram juntas, diferenciando-se de Portugal e da zona anglo-saxão; e em segundo lugar, porque para nós que somos educadores, e considerando que na educação dos alunos de 12, 13, 16 anos se individualiza muito as matérias, há, então, muitas matérias para os alunos estudarem; logo, abre espaço para que se dispersarem e não se concentrem na atividade da aula. Portanto, pensa-se em Geografia e História e não Ciências Sociais, porque nós

entendemos que a Geografia e a História ligam sempre o espaço e tempo, como explica Massey nos trabalhos que tem feito sobre espaço. Isto permite entender tanto as identidades espaciais das pessoas, como permite compreender as expectativas para o futuro e o que eles pensam para o futuro da ordenação do território. São nestes momentos, então, que vejo a Geografia dentro do contexto das Ciências Sociais. Eu penso que a Geografia tem um papel prioritário e importante não só porque eu sou da Geografia, senão porque o mundo é cada vez mais uma interligação entre a escala global e local. E a Geografia sempre teve como um dos conceitos básicos de organizar a sua explicação do mundo a partir do conceito da escala. Então, a construção da escala como sobreposição do local, do particular e do imediato com o global e o distante trará um valor inquestionável para explicar os problemas do mundo. Porque os problemas do mundo são locais e simultaneamente universais. Por exemplo, quando estamos falando do clima, das mudanças climáticas ou do efeito estufa dentro do aquecimento da temperatura média, são fenômenos tão imediatos do cotidiano como, por exemplo, um dia de jogo no estádio Olímpico em Porto Alegre, com o *Grêmio Fut-ball Portoalegrense*. Embora seja um evento local que incide mais diretamente nos engarrafamentos de trânsitos nos dias de jogo na cidade de Porto Alegre, também tem uma repercussão de escala nacional através de sua participação no Campeonato Brasileiro, e também tem uma repercussão de escala mundial por efeito da imagem que se projeta dos jogadores de futebol, pelo efeito da mídia sobre o esporte, pela realização da publicidade das empresas multinacionais patrocinadoras do Grêmio e etc. Portanto, qualquer que seja a situação, isto é, a social, a ambiental ou o funcionamento da vida do trabalho está se privilegiando o local e o global. Isto seria o que distingue hoje a capacidade de relacionamento da Geografia diante de outras matérias nestes dias para explicar o mundo.

A realidade social não é pesquisada por um só campo do saber. Necessitamos da formação de equipes interdisciplinares, mas o assunto de integrar os conhecimentos para fazer uma área de conhecimento é um problema complexo. A Geografia pode aportar neste sentido uma ampla experiência ao sistema escolar. No entanto, em sua tradição a Geografia iniciou no âmbito das ciências experimentais (ou da natureza) e acabou por integrar se nas Ciências Sociais, como já comentamos anteriormente. Mas para isto tem que se debater e chegar a um consenso de certos aspectos fundamentais, como a sua contribuição mais significativa como uma matéria para a análise dos problemas sociais, isto é, saber oferecer respostas às perguntas que as pessoas realizam.

A experiência escolar na Espanha nas etapas da Educação Primária e Secundária obrigatória (Educação Básica no Brasil) indica que este debate é, também, um debate ideológico, como se mostra nas propostas dos governos da Espanha em ligação à articulação dos conteúdos das matérias de Cidadania, Conhecimento do Meio (este como uma área de conhecimento na Educação Primária: 6 a 11 anos de idade), da Geografia e História, bem como de Ciências Sociais na Educação Secundária. Eu entendo que a proposta de integração do currículo no Brasil é positiva, pois facilita a concentração do aluno em poucos professores. Mas a integração deve vir acompanhada de projetos curriculares nas matérias. Isto implica que **não significa reclamar mais Geografia, mas sim melhor Geografia**, ou seja, uma matéria que dê respostas aos problemas locais e mundiais. Transformar a pluralidade das ciências na singularidade numa área de conhecimento é um enorme desafio e isto implica em um estudo das problemáticas sociais, das expectativas e possibilidades de aprendizagem do aluno e da formação do professorado.

Ivaine: *Esse trânsito da Geografia entre outros campos disciplinares também pode ser levado para estabelecer parcerias entre instituições. Então, como pode ocorrer um processo de integração do ensino da Geografia ibero-latinoamericana?. É viável? Como viabilizar essa integração?*

Souto: Eu entendo que o esforço que estamos fazendo dentro do *Geoforo Iberoamericano* ou também dentro das associações latino-americanas de Geografia, a exemplo da REDLADGEO (Rede Latino Americana de Pesquisadores de Didática da Geografia), que promove o periódico *Geopaidéia* sediado na Colômbia, são esforços que vão permitir estabelecer uma plataforma de pensamento sobre os problemas que existem na atualidade. Eu penso que a leitura dos problemas que há na atualidade varia em função da ótica intelectual em que se realiza tal leitura, pois a realidade à luz de Milton Santos não é a mesma que a do Harvey na sua juventude que, por sua vez, não é a mesma do Harvey de agora; ou ainda, a realidade de Soja não é a mesma que P. Hagget, que é muito mais geométrico, muito mais economicista, muito mais pretendidamente objetivo. Este último realiza uma análise da realidade espacial diferente do espaço de Milton Santos, que é um espaço muito mais humano, mais construído nos conflitos das relações sociais e que dará lugar muitas vezes às segregações, que as separações entre as pessoas não lhes permitem construir um espaço público. Esta é uma preocupação que eu

vejo sempre na mentalidade dos geógrafos que partem de planejamento muito ligado a Geografia da cotidianidade. Observei isto tanto no Chile, quando estive na Universidade de La Serena; em Bogotá quando estive trabalhando com o grupo *Geopaidéia*; em Ribeirão Preto e também aqui em Porto Alegre e Florianópolis, que há uma preocupação muito grande com temas como a violência urbana, a cidadania, e a construção do espaço. Tudo isto é algo muito íntimo, muito cotidiano, que liga perfeitamente um projeto de espacialidade individual com o projeto coletivo de país ou com o projeto coletivo, porque não dizer, da Terra, do planeta. Portanto, eu penso que isto são sinais de identidades de um projeto iberoamericano de Geografia. Como podemos fazer? Eu penso que com duas ferramentas fundamentais: a primeira é a constância, eu diria trabalhar constantemente neste projeto, não dispersar esforços, não deixar de lado o importante. Tem que ser muito constante. E depois, em segundo lugar, com uma pesquisa para pensar os problemas locais e depois contribuir com um intercâmbio global. É necessário inverter aquela máxima de pensar globalmente e atuar localmente, porque isto é um princípio em que atuam as multinacionais, a Mitsubishi é um exemplo. Eu penso que seria o contrário, isto é, pensar localmente – pensar muito bem os problemas – e depois atuar globalmente em colaboração entre Colômbia, Argentina, Brasil, Chile, Espanha e Portugal para ver como os problemas que foram pensados e debatidos localmente tem uma transcendência global.

Ivaine: *Mas o projeto de Bolonha tem outras intenções para pensar a formação do professor. Qual análise que você faz dele para pensar a formação do professor de Geografia e como lê isto na Geografia latinoamericana?*

Souto: O projeto de Bolonha é um projeto de boas vontades, mas necessita de orçamento e recursos materiais e humanos. O que estamos vendo agora na Espanha são resultados fracos; que não está funcionando muito bem e que necessitaria estar de acordo como os princípios teóricos do próprio projeto. Não obstante, no que se refere ao projeto de Bolonha, não há dúvida de que o que os tecnocratas e políticos da Comissão de Educação da União Europeia estão fazendo é definir quais são os princípios fundamentais na formação dos professores para as necessidades do século XXI. Neste aspecto, estão definindo claramente para uma formação do professor baseada no mestrado profissionalizante. Isto é algo que tem que ser implementado em quase todos os países europeus e que, por suposto, é o caminho que tem que seguir Espanha e Portugal.

O processo de formação de professores existente em Portugal baseia-se em três anos de graduação e um de mestrado⁶, ao passo que na Espanha os alunos cursam quatro anos de graduação e um de mestrado. A profissionalização do professor é específica, e tem que ter tempo para isto, bem como estar integrada ao curso de graduação. O que antes acontecia era algo complementar, com pouco tempo. Anteriormente, na Espanha, por exemplo, bastava o aluno cursar mais três meses depois da graduação para se formar professor. Agora, se está dando mais importância para a profissionalização do professor. De qualquer forma, eu penso que o projeto de Bolonha vai facilitar esta profissionalização e penso que isto também terá repercussão na América Latina. A minha proposta é a consolidação de grupos internacionais de pesquisa, dos problemas que tem os professores para ensinar e os alunos para aprender, eu penso que seria a alternativa correta.

É ainda importante sublinhar que no projeto de Bolonha um aspecto que condiciona o ensino da Geografia - desde a perspectiva da burocratização de Bolonha - refere-se ao papel da Geografia Física como matéria isolada, longe da explicação dos problemas ambientais da população. Os pesquisadores do clima, da geomorfologia, da edafologia terão problemas para se definir no âmbito das ciências sociais. Eu penso que o que é mais importante para a didática da Geografia é saber como serão definidos os conflitos de usos que se derivam da vocação do meio e dos interesses econômicos da população. Ou seja, obriga a reformulação do estudo dos elementos físicos da natureza isoladamente para a perspectiva ambiental, que também faz parte das Ciências Sociais.

Ivaine: *Fico instigada em te ouvir a falar sobre formação de professor. Isto me permite a te perguntar em que medida a Geografia Escolar impacta o pensamento epistemológico da Geografia?*

Souto: Eu sempre digo que há três grandes metodologias, três grandes métodos de ensino. Porque muitas vezes se vai dizer que cada mestre tem o seu método. Não penso assim, pois cada mestre tem suas estratégias, podendo empregar em um dia de trabalho os recursos audiovisuais, como imagens; noutro dia pode buscar na internet um tipo de documentação para os alunos utilizarem na aula de informática; ou ainda, pode fazer trabalho em equipe; noutro dia pode propor uma visita a uma rua. Todas são estratégias,

⁶ Este mestrado corresponde um tempo destinado à formação docente durante a graduação. Diferentemente da configuração curricular de mestrado no Brasil.

mas não metodologias. O método está guiado por uma filosofia científica. E há três fundamentais: o positivismo, a hermenêutica e a sociocrítica. Então, são nestes três princípios que está organizada toda a metodologia de um professor para planejar suas atividades de ensino que facilita a aprendizagem, porque um professor quando planeja uma aula ou um curso, planeja com a expectativa que o aluno possa aprender melhor, e para poder aprender melhor tem que dominar uma perspectiva de que é o saber e para que serve o saber. E isto só pode estar organizado a partir da filosofia das ciências, por isto é que eu digo que metodologia há três fundamentais e isto determina o papel do professor. O professor positivista é aquele que pensa que ele é repositório do saber, e sua prática está baseada na reprodução de seu saber aos alunos e os alunos reproduzem este saber para continuar perpetuando o domínio de uma cultura distinguida, uma cultura que nos termos de Bourdieu, diríamos, é a distinção de uma classe social. Um professor hermenêutico é aquele que pensa que qualquer pensamento seria um ato positivo, como o método Waldorf ou Decroly; que entenderam que qualquer pensamento individual é válido e que, portanto, se pode construir um conhecimento simplesmente a partir do diálogo, a partir do raciocínio individual, isto é, do respeito da individualidade. Por fim, o pensamento sociocrítico é aquele em que o professor intenta delimitar muito bem os problemas sociais a partir da intersubjetividade. É a partir deste princípio que Habermas propõe a *Teoria Ideal de Fala* por meio do intercâmbio entre pessoas iguais. A partir daí a ferramenta mais importante que temos é a ferramenta dos conceitos em Geografia e História que permitem construir uma nova argumentação superior ao pensamento espontâneo, o pensamento sem crítica. Portanto, o impacto do pensamento epistemológico na Geografia é fundamental porque as Geografias da Percepção, Radical, Neopositivista e a Geografia que está trabalhando agora com a questão da cotidianidade: a Geografia do Gênero, a Geografia Ecológica, os problemas ambientais, entre outros temas relevantes do cotidiano. Todas essas Geografias estão sempre determinadas pela filosofia das ciências, portanto, é em função disso que se vai influenciar no tipo de ensino que se fará.

A investigação em didática da Geografia tem hoje três grandes preocupações. A primeira está relacionada com as concepções espontâneas, também chamadas de representações sociais dos fatos sociais. Isto é, a maneira de entender o conhecimento vulgar da complexa realidade social, o que dará lugar a certas decisões. Neste caso estudamos os conceitos de cidadania e de espaço público. Outro assunto que preocupa é o que está relacionado com a estrutura do marco curricular, a maneira de organizar os

conteúdos e as competências escolares, com especial relevância ao estudo dos livros didáticos. Finalmente, também preocupa as relações entre o saber universitário e o saber escolar não universitário, pois, às vezes, ambos vivem de costas um contra o outro, dificultando a análise da realidade escolar.

Poderíamos fazer uma síntese de conteúdos da investigação numa tabela semelhante a que mostramos:

Concepções espontâneas	Estrutura do marco curricular	Saber universitário e não universitário
Ideais dos alunos	Desenho curricular	Análise das disciplinas escolares
Concepções sociais	Metodologia didática	Epistemologia didática
	Recursos materiais: patrimônio e manuais	Profissionalização docente

Ivaine: *Se a Geografia Escolar e a produção acadêmica mantivessem diálogos permanentes possibilitariam melhorias pedagógicas. Mas que desafios a Geografia Escolar ainda tem que enfrentar para ser mais aceita frente aos outros campos do conhecimento e pela própria sociedade?*

Souto: Como estou dizendo, a Geografia tem que demonstrar é que é útil para resolver os problemas cotidianos. Eu não estou dizendo que se deva aparecer no currículo novos conteúdos como sempre foi a tradição de ampliar o número de conteúdos que a criança tenha que estudar. Definitivamente, isto não é a via de inovação. A via de inovação é transformar os conteúdos em problemas escolares. A chave para isto está outra vez na metodologia e na mudança do esquema de acumulação de conteúdos por uma reformulação dos conteúdos próprios, a partir de uma metodologia bem organizada, que permita passar do conhecimento espontâneo e intuitivo - que muitas vezes está cheia de erros, de insuficiência - a um conhecimento mais racional e mais argumentativo, de acordo com que são os sentimentos e as emoções das pessoas que podem dar lugar a que sejam compartilhadas por um raciocínio mais coletivo, mais interpessoal. Portanto, para que a sociedade aceite o conhecimento de Geografia de fato, é preciso deixar bem claro que a Geografia serve para explicar um problema a partir das perguntas individuais que fazem as pessoas; a exemplo das perguntas: por que este espaço que eu tenho é assim, dessa maneira e não de outra? Por que os seres humanos intensificam os problemas ambientais ao invés de solucioná-los? e etc.

Ivaine: *E nas escolas da Espanha quais são as questões mais pontuais que estão sendo recentemente enfrentadas, as quais estão interferindo nas práticas pedagógicas. Comente um pouco sobre isto.*

Souto: Suponho que seja sobre a situação social em que a Espanha está sofrendo agora, que é, sobretudo, uma crise do Estado. Não é a crise do Estado do Bem-estar que se sentia, mas é a crise do Estado mesmo. Está se destruindo o Estado, porque no planejamento neoliberal o que se diz é que a saúde, o serviço de proteção social e a educação são serviços que podem ser um negócio para as empresas privadas. Ou seja, tudo que representa os direitos sociais de 1948 desaparecem em função de um poder superior, que é o poder dos mercados em benefício da economia produtiva. A questão que se faz é: esta crise está afetando as práticas pedagógicas? A resposta é sim e totalmente. Em primeiro lugar, porque os professores deixam de ter fé na comunicação, uma vez que deixa de ser importante frente ao produto, ao benefício, ao dinheiro que se pode ganhar com a criatividade. E em segundo lugar, porque a verba de orçamento e de investimento no ensino público diminuiu por demais e obrigou o professor a trabalhar mais horas dentro da sala de aula e não na pesquisa, na reflexão do que se passa na aula. Isto vai dar lugar a um professor que se comporta como uma pessoa rotineira, uma pessoa que repita dia após dia o que o aluno escutou anteriormente, que tenha em mente mais interesse em adestrar, em conservar um clima de aula, em que estar calando as pessoas e a trabalhar qualquer coisa, ao invés de um professor que pensa em que investigar e em que inovar, porque isto exige muito esforço, que suponha muita reflexão depois das aulas. É importante resgatar com dados empíricos que este professor mais comprometido com a reflexão e com a pesquisa já existiu. Na Espanha o período em que se vivenciou o momento de inovação no campo das didáticas específicas, tanto no que diz respeito à produção acadêmica – tese de doutoramento, memórias de investigação de mestrado, etc.,- como produtos práticos para aulas, bem como materiais curriculares para trabalhar em centros escolares foram nos anos de 1985-1995. Isto porque foi quando mais se apoiou grupos de inovação; quando se apoiou mais as pessoas que podiam ter uma liberação de carga horária de sala de aula para poder colaborar com a universidade, na pesquisa. Isto foi quando se fomentou muito os programas abertos. Ademais, este processo tem uma correlação internacional. Os ingleses, por exemplo, sempre falam que o *Golden Age* no campo da inovação didática ocorreu nos anos anteriores a Margareth Thatcher, nos anos 60, 70 com os projetos curriculares em momentos em que se estava a

Tonini, I.M.

desenvolver os programas autônomos e o professor tinha autonomia para investigar. Os centros de professores (*Teachers' Center*) que criaram eram os centros de formação continuada, onde havia momento de reflexão para saber como estava conduzindo-se o ensino. Enfim, penso que há bastantes argumentos para dizer que a perda de qualidade educativa vai associada a uma perda de autonomia do professorado, a uma perda de orçamentos para o ensino público e a uma perda de orçamentos para as pesquisas e que isto vai repercutir em aumentar as despesas para as polícias, para as repressões, porque, evidentemente, uma pessoa que não tem esperança por meio do ensino de alcançar algo na vida, vai tentar se delinquir, vai buscar um meio de subsistência, logo, terá que atuar muito mais em repressão e muito menos na liberação e emancipação intelectual em saber buscar uma nova vida.

Ivaine: *Bem, Xouto agradecemos muito tua disponibilidade, penso que poderíamos continuar conversando por muito mais tempo, e sempre teremos novas questões para problematizar, mas vamos continuar em um próximo encontro. Oxalá em Valência!*

Souto: Obrigado a vocês por essa rica oportunidade de dialogarmos.

Porto Alegre, 16 de julho de 2012.

Recebido em 18 de setembro de 2012.

Aceito para publicação em 30 de novembro de 2012.